

Na missa, atenção de novo aos índios

Os índios voltaram a merecer a atenção do papa, no caso durante a missa celebrada em Manaus para uma plateia de 400 mil pessoas, segundo alguns jornalistas, ou de 200 mil, conforme alguns militares. Uma plateia um tanto fria, que não gritou palavras de ordem ou slogans, como se tornara um hábito nas missas do papa no Brasil, e nem ao menos pediu para que João Paulo II ficasse nesta sua despedida, pois ontem mesmo ele voltou a Roma, encerrando essa peregrinação.

Os índios ficaram satisfeitos. Vários deles estavam um pouco magoados com alguns setores da Igreja ou do governo, que aparentemente tentaram diminuir ao máximo a importância e a repercussão do encontro que, como minorias étnicas, tiveram com o papa, em Manaus. Tanto que só depois de muita luta e protesto eles conseguiram ser realmente recebidos pelo papa no Palácio Arquiepiscopal. Oficialmente estava previsto que apenas um grupo de índios com roupas típicas dançaria para ele. Mas eles não dançaram: seus representantes entraram no palácio do bispo, num ambiente um pouco tenso (monsenhor Marcinkus andou distribuindo cutucões e cotoveladas em missionários, jornalistas e até religiosos aos gritos de "fora", "fora"), e falaram para o papa, denunciando as próprias privações, sua tragédia e a ameaça de extermínio. Alguns missionários comentaram depois que o encontro foi deliberadamente atrasado, para que não alcançasse repercussão na imprensa (a TV não transmitiu o encontro ao vivo e alguns jornais não puderam relatar o fato, pois já era fim de noite).

O papa, porém, parece ter-se comovido com o discurso indigenista, aquele no qual Marçal de Souza (ou Tupain, dos guaranis) com voz serena, sofredora e amargurada, narrava a triste vida do seu povo.

Por isso, João Paulo II repetiu, na sua homília de ontem, trechos do seu discurso da noite anterior, na Catedral da Imaculada Conceição. Ele cortara esses trechos no discurso da catedral por não ter visto índios presentes à solenidade. Mais tarde, no encontro com os índios, leu os trechos cortados.

E ontem, enfim, falou de novo sobre o assunto, "enxertando" citações novas na sua homília. Os missionários gostaram dessa homília, que deixa bem clara qual sua função no contato com a pobre gente da selva, dos locais ermos, onde a civilização não chega. Fragmentada.

No início da homília lida na praça da Suframa, o papa inseriu, logo de início, a saudação à delegação que chegou da Venezuela para vê-lo. Protegido do sol por uma sombrinha branca, já no terceiro parágrafo anunciou que tinha como papa, "um pensamento especial" para essa significativa parcela da população: os "índios". Veio aí a primeira interrupção: um pequeno coro começou a gritar "João, João, o índio é nosso irmão" e o papa respondeu: "Sim, é nosso irmão". E afirmou sua disposição de repetir as palavras da noite anterior — "o que disse no encontro que tive com eles". Esclareceu o papa, então, que "a Igreja procura dedicar-se a eles como se dedicou há 400 anos passados". Referindo-se à chegada dos primeiros missionários jesuítas ao Brasil com os portugueses descobridores.

Não se soube se essa referência seria uma resposta velada, uma crítica, talvez, a alguns missionários do Cimi, pois naquele mesmo dia havia sido divulgado um documento no qual era feita uma espécie de autocritica, reconhecendo-se erros da Igreja, na sua secular trajetória de catequização dos índios brasileiros, "a ferro e fogo" (palavras do próprio José de Anchieta, em seus diários), a partir da colonização.

"Ajudá-los a existir"

O papa, na sua homília na Suframa, citou os trabalhos — elogiando-os — de missionários jesuítas salesianos, do Espírito Santo, do Preciosíssimo Sangue "e tantos outros", na Amazônia. E deixou claro: esses missionários devem proclamar o evangelho e anunciar a boa nova, mas também "prestar aos índios toda a ajuda possível", jamais se esquecendo da "promoção humana". Apelou também aos poderes públicos e lembrou que os antepassados dos atuais índios "foram os primeiros habitantes dessa terra", ressaltando: "Que lhes seja permitido o direito de habitá-la em paz e serenidade, sem o temor de serem desalojados, em benefício de outrem".

Disse ainda o papa que aos índios não se deve dar apenas "condições de sobrevivência", mas também de preservarem "sua identidade como povo". No final do trecho dirigido a missionários e autoridades, com referência à questão indigenista, o papa disse esperar deles uma resposta ponderada, inteligente e oportuna sobre o assunto. No restante de sua homília, João Paulo II falou do apelo dele próprio ("e de toda a Igreja"), como acrescentou, de improviso) ao trabalho missionário. Foi muito aplaudido no trecho em que disse que, "como homens novos, deve surgir uma sociedade nova regida pelas normas das bem-aventuranças e inspirada pela caridade que gera fraternidade e solidariedade. Toda evangelização visa, portanto, suscitar, aprofundar e consolidar a fé, a luz da fé, tornar possível uma sociedade mais

justa e fraterna". Deixou claro (desagradando alguns missionários salesianos, de linha considerada conservadora) que eles não só podem como também devem preocupar-se com a ajuda material aos necessitados, que vivem em "situações de miséria e abandono, indígenas filhos de Deus". Mas advertiu: "O que importa — digo-o aqui em homenagem à consciência que certamente já tendes disso — é que o prego de vossa ação em favor da promoção material das pessoas não seja nem de longe a diminuição de vossa atividade estritamente religiosa. Seria um perigoso contratemunho, tanto mais grave se deixais a impressão de fazê-los sob o impulso de qualquer imperativo ideológico". O papa terminou a leitura de sua homília (ver íntegra na página 9) às 9h30, quando um jornalista estrangeiro, muito espantado, exibiu um termômetro marcando a temperatura de 48 graus. Pouco depois, o mesmo termômetro marcava 51 graus — e aí um soldado do Batalhão de Infantaria da Selva explicou que ele tomara a temperatura não do ambiente, mas do piso de tábuas do palanque. Tomada a temperatura correta, viu-se que era de 42 graus — e o papa suava com o povo. Alguns assistentes (principalmente mulheres) desmaiaram de calor e cansaço. Alguns estavam ali desde às 22 horas da noite anterior.

A missa propriamente durou só 45 minutos, foi celebrada no altar mais pobre já construído para ele nessa sua peregrinação por 13 Capitais. Esse altar era, basicamente, uma passarela sobre um lagozinho,



O papa exaltou a ação missionária e pediu pelos índios, na missa em Manaus

A passarela abria-se, depois, para a direita e a esquerda, formando uma espécie de cruz. A mesa do altar foi localizada no cruzamento do que seriam os braços da cruz, com o corpo da mesa. O sujeito que cozinhou para o papa, Aldenor Ernesto Lima, que possui um peixe-bol de estimação (um peixe-bol que mama em mamadeira, pois é órfão) levou o animal e o deixou nadando no lago. O papa e sua comitiva olharam um pouco para o bichinho quando chegaram, mas o cozinheiro não pôde dar de mamar a ele, como pretendia. Exatamente às 9,30, então, o papa deu início à missa, com as palavras: "Convido a participar da Eucaristia celebrada pela intenção de todos os missionários, todos os homens de bem desta arquidiocese, de toda a Amazônia". O canto do ofertório foi conduzido por um grupo de índios, que cantou em seu próprio dialeto, do qual só se entendiam as palavras "Jesus" e "Cristo". Na platéia, um grupo interrompeu a canção para gritar outra vez: "João, João, João, o índio é nosso irmão".

A comunhão (quatro minutos antes de terminar a missa, às 10h11 portanto) foi dada só a 50 pessoas, índios e religiosos em sua maioria. Os helicópteros do Exército e da Marinha voltaram a sobrevoar o altar e a platéia que se aglomerou

na praça. Os soldados do 10º Batalhão de Infantaria da Selva se aglomeraram. Eram os encarregados da segurança local e muitos temiam pelo que aconteceria quando o papa se dispusesse a deixar o local para ir embora. Ele chegara de ônibus e neste mesmo ônibus ia sair mais tarde pois consideraram que o local não tinha segurança para ele transitar em carro aberto. Era verdade. Os cordões de isolamento não contiveram o povo, que invadiu todos os palanques, inclusive o da imprensa. Os jornalistas então deixaram o palanque "conquistado" pelo povo e se distribuíram ao redor do altar, sem que ninguém (nem mesmo o temível monsenhor Marcinkus, que ontem estava bem mais calmo e menos violento) os incomodasse.

Tudo ali era meio desorganizado. Antes da missa, por exemplo, alguém da comissão organizadora tomou os microfones e informou que haviam se esquecido de colocar as 24 cadeiras dos concelebrantes, de forma que alguns religiosos e autoridades teriam que ceder as suas. Os primeiros a cederem suas cadeiras, carregando-as eles mesmos para o altar, foram aplaudidos e agradeceram estes aplausos com gestos de mãos. Alguns, porém, ficaram muito contrariados. O papa chegou, desceu, rezou sua missa e foi

embora sem ser incomodado. Poucos tentaram avançar sobre ele, talvez porque estivessem exaustos, suados, atormentados de calor. Nem sequer responderam aos apelos do padre-anunciador, que os incitava a gritar: "João, João João, esse calor é sinal do nosso amor".

O papa saiu num corredor formado por bombeiros e logo estava longe dali, a caminho da procissão fluvial. Tão logo ele saiu os bombeiros abriram as mangueiras de seus carros e começaram a jogar água no povo. Poucos protestaram: a maioria, já desesperada com os 42 graus, deixaram-se molhar, começando uma festa que durou pouco, pois logo a água acabou. O grupo mais próximo do altar invadiu o local e arrancou tudo: flores, panos, pedaços de pau, praticamente destruindo tudo, na vontade de levar uma lembrança para casa.

No palanque tomado aos jornalistas, um mestiço de índio e espanhol (Roque Ortega, 28 anos) explicava que viera com a família de Letícia, na Colômbia, pelo rio Solimões, numa viagem que durara 30 dias. No final das contas, concluiu que o sacrifício não valera a pena: ele e seus parentes não puderam ver o papa direito; não entenderam o que ele dissera e agora teriam de empreender a dura viagem de volta.

Finalmente, o beijo nos pés

Depois de ter seguido o papa por todo o Brasil e de ter sido preso no Rio e em Aparecida, o motorista J. Moura, o popular **Beijoquero**, conseguiu realizar ontem seu maior desejo: beijar João Paulo II. Para surpresa geral, um pouco antes do início da missa na praça da Zona Franca de Manaus, quando o papa subia os degraus do altar, J. Moura furou a segurança e beijou os pés de João Paulo II, sob o olhar irritado de monsenhor Marcinkus. Nas mãos, J. Moura carregava uma imagem de Santa Edwiges e, falando a um repórter de televisão, ofereceu os beijos ao Dops carioca, onde, disse, foi muito bem tratado, recebendo até sanduíches.

Ao contrário de outras capitais, onde sempre chegou ao local da missa viajando no papamóvel, João Paulo II desembarcou ontem, na área da Suframa, de um ônibus de turismo, acompanhado dos bispos da Amazônia e sua comitiva. Eram 8h20 e a temperatura já atingia 30 graus. Ao descer do ônibus, foi aclamado por cerca de 400 mil pessoas, que o aguardavam desde a madrugada.

Quando subia a rampa do altar, montado sobre uma canoa circundada por um lago artificial, com plantas e peixes da Amazônia, o papa e sua comitiva receberam uma chuva de pétalas de rosas, lançada por um helicóptero da FAB. Mas a chuva seguiu-se uma nuvem de poeira, levantada pelo deslocamento de ar provocado pelo motor do aparelho.

Antes de subir o altar, como fez em todas as cidades, João Paulo II pegou uma criança no colo e a beijou. Tudo sob o olhar atento do monsenhor Marcinkus, que só não conseguiu esconder sua irritação quando o **Beijoquero** chegou perto do papa, mesmo assim permaneceu calado. Enquanto isso, a multidão — no maior coro de vozes que já se ouviu em Manaus, segundo o maestro Nivaldo Santiago — gritava: "Ontem na Polônia, hoje na Amazônia" e "Manaus está em festa, o papa na floresta".

Um pouco antes do papa chegar, ocorreu um pequeno problema no sistema de som, e o órgão colocado ao lado do altar, que iria acompanhar os três corais — da universidade, da escola técnica e do Teatro Amazonas — não funcionou. Mas tudo foi providenciado rapidamente e, enquanto a comitiva subia a rampa, soldados do Exército, por trás do altar, trocavam o órgão por outro. E a missa pode ser realizada sem problemas.

Devido ao calor e ao grande número de pessoas que se amontoavam para ver o papa, as ambulâncias e o hospital improvisado na Bola de Suframa tiveram muito trabalho. No final, a avenida de acesso ao altar estava coberta de papel picado.

No céu, bem em cima da praça, três grandes papagaios de papel, com o símbolo do Vaticano, agitavam-se. E não faltou o toque de humor, dado por um sorveteiro que se colocou na primeira fila ao lado da pista por onde o papa passou. Entusiasmado, apregoava: "Olha o picolé abençoado pelo papa. Quem vai querer o gelo sagrado?".

Fotos Claudine Petrolli — Telefoto Estado